

MARCOS DE CASTRO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 05/12/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome completo é uma novela. É Marcos Alexandre de Souza Aranha Melo Matos de Castro. Foi idéia de meu pai de botar um nome duplo, o sobrenome de minha mãe e o sobrenome dele. Então ficou essa coisa que desde o colégio todo mundo me goza e tal, "olha o nome dele e tal", esse sofrimento até o fim da vida. Mas, profissionalmente sempre foi apenas Marcos de Castro.

Onde e quando você nasceu?

Nasci em Uberaba, no Triângulo Mineiro, em 25 de novembro de 1934. Apesar de ter nascido em Minas, não tenho nenhuma ligação familiar com Minas. Expliquei ao Caio outro dia que meu pai era engenheiro ferroviário e nesse tempo havia uma ferrovia chamada Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, que nascia em Campinas, São Paulo. E o cargo dele era engenheiro residente. Então, eu tenho uma irmã nascida em Campinas, tenho um irmão nascido em Franca, São Paulo, eu nasci em Uberaba. À medida que ele ia mudando, os filhos iam nascendo. Mas com dois anos eu saí de Uberaba, vim pro Rio. Nem conheço minha terra.

Quais eram os nomes do seu pai e de sua mãe?

Meu pai era Hugo Melo Matos de Castro e minha mãe Laíz de Souza Aranha Melo Matos de Castro.

E qual era a ocupação dela?

Dona de casa.

Como que começou o seu envolvimento com o jornalismo? Havia algum envolvimento anterior de alguém da sua família com o jornalismo, ou não?

Não, a não ser o meu cunhado. Quando minha irmã casou, eu estudava Letras Clássicas aqui na velha Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil,

naquela época, porque o Rio de Janeiro era a capital da República. Hoje em dia UFRJ. Também os cursos não existem mais. Hoje em dia o sujeito estuda Português-Inglês ou Português-Francês. Naquele tempo tinha Letras Clássicas, Anglo-germânicas e Neolatinas. Então, eu fazia esse curso quando minha irmã se casou e o marido dela era da *Tribuna da Imprensa*. E eu, querendo já ganhar um dinheirinho e tal, pedi pra ele uma vaga na revisão, que eu tinha muito interesse na língua portuguesa, estudava muito e pedi um lugar de revisor, uma coisa que não existe mais na imprensa. Então, ele me mandou fazer uma experiência entre os revisores. Eu fiz uma experiência, gratuitamente, sem ganhar nada. Aliás, desde aquele tempo a *Tribuna* pagava pouquíssimo. Mesmo se eu ganhasse, seria pouquíssimo. Mas era uma coisa boa pra mim porque eu estudava de dia e a noite ia aprendendo alguma coisa a mais. Logo depois, o chefe da revisão da *Tribuna*, Gabriel Chaves de Melo, era um sujeito formidável, irmão de Gladstone Chaves de Melo, que era um filólogo, vários livros publicados, foi vereador também, Gabriel me chamou para trabalhar na revista *Maquis*. Não sei se você já ouviram falar. Ela era de um deputado que quebrava muita louça por aí, chamava-se Amaral Neto, que era um lacerdista fanático. Lacerda tinha esse dom de despertar fanatismos, deixar viúvas. Então, ele desligou-se de Lacerda para abrir uma empresa própria e essa empresa tinha uma revista chamada *Maquis*. Pelo nome vocês vêem... *Maquis* era revista destruidora, arrasava com políticos, dava capas escandalosas. Uma das vítimas de *Maquis* foi o Brizola, que era então governador do Rio Grande do Sul. Fui trabalhar no *Maquis* começando, ficava meio coxa, assim, porque não eu entendia nada de nada, só sabia a revisão. Nesse momento, a empresa do Amaral Neto [Editora Reforma] fundou um jornalzinho, que chamava-se o *Brasil em Jornal*. Falei com o Caio outro dia sobre isso. Era nos moldes de uma publicação francesa chamada *Le Journal du Monde* em que a gente a redação era sobre fatos do século XVI, XVII, o século que seja, narrados como se tivessem acontecidos hoje. "Cabral acaba de avistar o Monte Pascoal nas costas de uma ilha e tal", como se dissesse que o Brasil era uma ilha. E, assim, era uma boa publicação, porque eu falei com o nosso Caio outro dia, os redatores eram de alto nível, com exceção de mim. É verdade. Eram o Zuenir Ventura, que me convidou para ir pra lá, Rubem Azevedo Lima, um especialista em história do Rio de Janeiro que tinha ganho em um programa de televisão [da Rede Tupi] chamado *O Céu é o Limite* quatrocentos mil cruzeiros, não sei quanto corresponderia isso hoje. Mas era um programa muito famoso. O cara que respondiam semanas seguidas ficava famoso na cidade. Teve um professor de geografia que ganhou oitocentos mil cruzeiros, não sei o quê, não podia mais andar na rua. O apresentador do programa se chamava Jota Silvestre e uma pergunta era desdobrada em dez questões, às vezes. Quando o sujeito ia

vencendo etapas e chegava na última, acertava as dez etapas, ele dava um berro no microfone e dizia assim "absolutamente certo e tal". Era um programa muito escandaloso, mas dava um bom dinheiro. Rubem Azevedo Lima, que era esse craque em história do Rio de Janeiro, Cláudio Soares, que era um professor de História, mais tarde veio a ser assessor de Carlos Lacerda no Palácio Guanabara, altamente competente, Zuenir Ventura e eu. Aí, nessa publicação eu estava feliz da vida. Estava fazendo uma coisa que eu gostava muito de fazer, pesquisar em livros, transformar em textos jornalísticos, quando veio o Carlos Lemos, que é um nome conhecido no jornalismo por causa da reforma do *JB*, pois estava precisando de um redator para o esporte. Ele ia chefiar o esporte [no *Jornal do Brasil*]. Falei com o Caio outro dia que naquele tempo não existia a palavra editoria. Era seção de esportes. Mais tarde é que, como em tudo no Brasil, importamos dos Estados Unidos essa terminologia editor, editoria. Ele [Carlos Lemos] estava precisando na seção de esportes de um redator. Então, foi procurar Cláudio Soares, que era amigo dele do tempo em que os dois tinham trabalhado na *Tribuna da Imprensa*. E o Cláudio Soares disse "eu não posso, dou aula de manhã no colégio tal, passo a tarde aqui, quero ter minha noite livre, mas eu indico esse garoto aqui". Você vê que isso faz séculos, né? "Indico esse garoto aqui que é bom redator", palavras dele. Aí Carlos Lemos me levou para o *Jornal do Brasil*. Eu comecei, falei com o Caio outro dia, na mão inversa. Todo mundo começa como repórter e acaba redator. Eu comecei direto como redator na grande imprensa, isto é, no *Jornal do Brasil*. Entrei no esporte para ser redator. O início da minha carreira na imprensa propriamente dita, além do *Brasil em Jornal*, foi no *Jornal do Brasil*. Foi só uma inversão de palavras.

Antes de falarmos do Jornal do Brasil, eu queria voltar um pouquinho a esse início... Você entrou para a *Tribuna da Imprensa* em que ano?

Seguramente 1958, no comecinho de 1958.

Eu queria lhe perguntar sobre algumas transformações que estavam acontecendo na imprensa, quer dizer, o texto é ao que você se dedica primeiramente e é um texto que está passando por transformações. Como era o texto jornalístico neste momento em que você chega na *Tribuna*?

Na *Tribuna* eu não mexi com texto. Eu era revisor. Vocês não conhecem porque, como eu disse, é uma função extinta. A gente trabalhava em contato direto com a gráfica. Vinham as provas gráficas, a gente pegava e dava uma penteada, como a gente chama. Não tinha nada com redação. Eu comecei a ser redator no *Brasil em Jornal*. Agora, quando pulei para o *Jornal do Brasil*, a exigência era imensa, porque

o *Jornal do Brasil* estava passando por uma grande reforma, que foi, sem dúvida, na imprensa brasileira, a grande reforma do jornalismo no século XX no Brasil inteiro. Foi uma reforma arrasadora. O *Jornal do Brasil* era chamado de jornal de cozinheira porque ele só tinha uma manchete na primeira página e o resto era tijolinhos de anúncios classificados. Tijolinhos que enchiam mais da metade do *Jornal do Brasil*. Então, ninguém comprava. Só realmente quem tinha necessidade de emprego. Como leitura de jornal, ninguém comprava. E a Condessa Pereira Carneiro, cujo marido tinha comprado o jornal e havia falecido na ocasião, resolveu fazer uma revolução. Então, tirou os craques do momento que militavam no *Diário Carioca* e na *Tribuna da Imprensa*. Tirou mais da metade da redação de um e de outro e fez um jornal realmente revolucionário. Fez uma reforma completa, avançada, dada as pessoas que levou no setor editorial e, graficamente, fez a reforma mais incrível que a história da imprensa brasileira conhece, porque botou como chefe da diagramação um artista chamado Amílcar de Castro, que era conhecido. Hoje, uma obra dele vale milhões. Trabalha com ferro, uma coisa recortada assim, umas esculturas bonitas. Mas, Amílcar era também um artista gráfico. Isso ninguém sabia. E ele fez uma reforma rigorosa, segundo a qual o *Jornal do Brasil* era todo paginado verticalmente. As matérias, fora a manchete, todas em duas colunas e com uma abertura que a gente chamava de lead e sub-lead, porque eram de duas linhas, rigorosamente, a cinco linhas cada uma. Então, o jornal ficou muito bonito, fácil de ler. Foi nessa época que eu entrei no *Jornal do Brasil*. Eu gostava muito de redigir e a gente tem um certo sonho quando é pequeno ao falar de jornalismo, "ah, eu gosto de escrever e tal". Não é bem isso. Depois a gente vai ver que não é bem isso. Sobretudo porque no *Jornal do Brasil* havia esse rigor. Você não podia, por assim dizer, deitar e rolar. Tinha de fazer cinco linhas mais cinco linhas. Eram dois bloquinhos de composição, naquele tempo composição em chumbo, de cinco linhas e o título também rigoroso, três linhas de vinte e três batidas cada uma no máximo. Então, dava um trabalho enorme. Mas o *Jornal do Brasil* tornou-se com isso um jornal muito bonito, muito fácil de ler, a ponto do nosso chefe de redação, Carlos Lemos, ser chamado para fazer conferências, um ou dois anos depois, nos Estados Unidos para explicar a reforma do *Jornal do Brasil*, sobretudo a reforma gráfica. Eles se interessaram muito pela parte gráfica, que fez esse enorme sucesso. Isso aí foi meu início num jornal da grande imprensa, foi neste tempo do Amílcar de Castro.

Algumas dessas reformas do Jornal do Brasil começaram justamente nas páginas do esporte. Você se lembra quais foram essas mudanças que vieram do esporte?

Olha, o esporte do *Jornal do Brasil* era como quase todo resto do jornal, uma editoria morta. Tinha um velho senhor, muito simpático, boa praça, mas que não tinha a menor noção do que fosse o jornalismo moderno. Chama-se Célio de Barros. É hoje o nome do Estádio Atlético do Maracanã. E nós todos o tratávamos como Dr. Célio. Dr. Célio escreveu um artigo que era uma coisa terrivelmente maçante, desagradável. E ele era um homem ligado a CBD, que era nome da CBF [Confederação Brasileira de Futebol] no momento, e a todos os cartolas de esporte e tal. Ele não tinha a menor preocupação com a página de esportes. Ele escreveu o artigo dele, determinava isto ou aquilo e ia embora pra casa. E foi uma verdadeira revolução, sobretudo na página de esportes. Eu devo destacar que a reforma do *JB* foi uma revolução mais da página do esporte, que passou a ser a última página do jornal, última e penúltima, e, como vocês sabem, última página é uma nobre, e tinha como chefes, como então se chamava, Carlos Lemos e Jânio de Freitas. O que era um luxo. Eram dois dos melhores jornalistas da praça fazendo apenas a seção de esporte. Quem fazia a primeira página era o Odílio Costa Filho, cujo nome esse sim é uma pena que não possa dar um depoimento. Então, o Carlos Lemos era o chefe, como então se chamava, e não o editor, e Jânio de Freitas era o subchefe. O Jânio de Freitas, por assim dizer, é um jornalista completo. Um cara que sabe tudo, escrever, diagramar e é um sujeito preparadíssimo e exigente. Estava lá como subeditor de esporte. Para vocês verem o luxo que era o *Jornal do Brasil* com os profissionais que o Odílio roubou da *Tribuna* e do *Diário Carioca*. Mas um pouco depois, a reforma, claro, não parou no tempo, foi evoluindo, 1958, 1959, anos 1960, o Jânio acabou sendo o que hoje nós chamaríamos de editor do jornal quando Odílio saiu. Odílio passou por uma grande tragédia na vida, o filho dele foi assassinado. Era um menino de dezoito anos. Sabia inglês, francês, jornalismo. Estava começando na falecida revista *O Cruzeiro* como tradutor. Estava subindo pra Santa Teresa com a namorada, num domingo, um pivete o assassinou para roubar meia dúzia de cruzeiros, que era então a nossa moeda. Um caso muito doloroso. O Odílio pouco depois abandonou o *Jornal do Brasil* e eu fui reencontrá-lo um pouco mais tarde, com grande alegria, pois era uma figura humana extraordinária, na sucursal da Editora Abril aqui no Rio. Mas foi um homem daí pra frente extremamente triste, abatido, com essa coisa brutal que se passou com o filho dele. Odílio tinha nove filhos, mas este era o bombonzinho da vida dele. Era o mais velho, inteligentíssimo. Então, o Odílio era o editor geral, uma figura extraordinária e foi quem dirigiu nestes primeiros anos. Depois Jânio de Freitas assumiu o lugar dele era isto que estava falando. Jânio de Freitas assumiu como editor geral e foi quem implantou o modelo de primeira página que o *Jornal do Brasil* tem até hoje e que não existia na imprensa brasileira. A primeira página se tornou um repositório

de chamadas. O jornal não tinha chamadas. Isto também foi uma criação desta reforma do *JB*. Chamadinha de dez linhas pra assunto importante lá de dentro. O jornal era feito com artigo grande, uma notícia que fosse, na primeira página, a gente lia, lia, lia e no final dizia assim, "continua na página dois, continua na página dezessete". A gente ia lá pra dentro pra ler o resto. O *Jornal do Brasil* é que acabou com isto, que era um negócio altamente incômodo. Você está no meio da leitura e dobrar o jornal, pegar a página dezessete. O *JB* acabou com isso e fez o que hoje é o modelo de todas primeiras páginas de jornal, até hoje. Veja que isso faz cinquenta anos e até hoje é o modelo. Pequenas chamadas na primeira página, você lê a chamada, a pessoa pode ficar satisfeita com o que leu, chega e acabou. Se se interessar depois vai lá, na página dois ou dezoito e lê o resto. Essa foi, eu acho, basicamente a coisa mais importante que o *Jornal do Brasil* fez. De jornal de anúncio de classificados que era, desde a primeira página, implantou este modelo, tão bom, que vigora até hoje, meio século depois. O sujeito lê a chamadinha, se interessa e se não quiser não vai lá pra dentro. E a primeira página bonita porque fica pesada. E graficamente, o Amílcar de Castro também eliminou os fios que havia entre uma coluna e outra. Isso clareou o jornal de uma forma fantástica. Deu muito mais prazer para a leitura, muito mais espaço e branco. Aliás, o Amílcar jogava com o branco de uma forma excepcional. Então, essa, a meu ver, foi a grande revolução dentro da revolução que o *Jornal do Brasil* fez. Esse modelo de primeira página que ninguém imaginava no Brasil e que teve repercussão até fora do Brasil. O *Jornal do Brasil* realmente se transformou num modelo, que eu falei com o Caio outro dia, todo mundo se impressionava e procurava seguir. Um jornalista de São Paulo, Murilo Felizerto, que depois criou a pesquisa aqui, porque ele era, por assim dizer, e é expressão da palavra mesmo, uma fãzoca do *Jornal do Brasil*, uma verdadeira fãzoca apaixonada pelo jornal, pela reforma gráfica, pelo modelo editorial. O *Jornal do Brasil* inspirava imitadores em o país, tanto que é o modelo que vigora até hoje, como eu disse. Só isso.

O que você pode nos dizer sobre a questão da profissionalização nesse momento do jornalismo? Já era possível, por exemplo, viver do trabalho só de um jornal ou ter também emprego no serviço público ainda era uma coisa comum?

Não, o serviço público era muito comum. O Rio era a capital da República e na redação do *Jornal do Brasil*, por exemplo, a grande maioria trabalhava em repartição pública, durante o dia e o jornal fechava meia noite, uma hora. E hoje em dia, quando eu me aposentei do *Jornal do Brasil* há cinco anos, seis anos atrás, a gente levava um susto quando começava o *Jornal Nacional* e o fechador de

primeira página dizia “vamos fechar a primeira”. Aliás, vou abrir um parêntesis aqui. Hoje indevidamente chamada de capa. Eu fico furioso quando dizem “isto vai dar capa”. Ora, o jornal não tem capa. Capa tem características gráficas diferentes, características editoriais diferentes. Revistam tem capa. Livro tem capa. Jornal tem primeira página, não é? Só falávamos em primeira página. Hoje em dia “capa, vamos fazer a capa”. Ora, capa é a vovozinha, com o perdão da palavra. Mas é o que pegou e nós não vamos fugir de mais essa impropriedade verbal. Então, na hora de fazer a primeira página eram oito horas, hora em que estava começando o *Jornal Nacional*, agora, quando me aposentei. Quando eu comecei em jornal, depois do esporte eu fui pro copidesque geral, começava-se a fechar a primeira página meia noite. Lá pra meia noite os caras começavam “vamos, vamos”, faziam as chamadas e tal, davam pra cada redator uma notícia pra preparar a chamada, a gente saía da redação a uma da manhã. Não tinha essa de oito horas começar a fechar a capa. Com isso, eu notei do início da minha, falei com o Caio outro dia que eu não tenho uma carreira propriamente dita, mas não encontro outra palavra, no início da minha carreira, fechar meia noite o jornal, começar a fechar meia noite. No fim da minha carreira eu ficava profundamente decepcionado. Negócio de oito horas, “ô, vamos fazer a primeira e tal”. Um negócio terrível. Eu ia falar uma outra coisa que me fugiu.

A pergunta era sobre a prática então freqüente dos jornalistas terem também emprego no serviço público...

Ah, serviço público, isso, me perdoe. Cabeça de velho. Negócio de serviço público era muito comum. A grande maioria trabalhava na sua repartição, sossegado, até seis horas, seis horas botava sua pastinha debaixo do braço, passava no cafezinho, chegava as sete no jornal, que hoje é quase hora de fechamento. Aí, mais eram todos no geral, pelo menos nesta reforma do *Jornal do Brasil*, pessoas de altíssimo nível. O nosso copidesque tinha Ferreira Gullar, José Ramos Tinhorão, crítico de música popular brasileira, um texto extraordinário, José Bandeira da Costa, que era um escritor nordestino, tinha realmente a nata do jornalismo brasileiro, todos com um texto digno de escritores verdadeiros. Era uma equipe de primeira página maravilhosa e isso se fazia até a madrugada, por assim dizer, bem diferente de hoje. Mas, a grande maioria era de funcionários públicos sim. Quem não era funcionário público tinha alguma outra função. O salário de jornalista não dava pra viver ainda. Quando se começou a pagar um salário razoável foi com esta reforma do *Jornal do Brasil*, porque você só rouba gente de outras redações se pagar mais. Então, o *Jornal do Brasil* pagou um salário razoável e foi uma revolução editorial, gráfica e também financeira pro bolso do jornalista, sem dúvida nenhuma.

Marcos, uma pequena dúvida, redator e copidesque...

É a mesma coisa. São modos de dizer. Na verdade, nós chamávamos de reescrevedor, porque nós precisávamos reescrever todas as matérias. Era uma época que não havia necessidade de curso de jornalismo, então repórter era qualquer pessoa que tivesse paixão por jornalismo. E paixão por jornalismo muita gente tem. Não sabe o que o espera na curva da estrada. Então, quando a gente é pequeno tem um certo encanto com filme americano, aquele repórter com chapeuzinho virado pra cá e tal, tem um certo encanto pra criança. Então, atraía muita gente e no meio dessa muita gente, muita gente que não tinha a menor noção do que fosse a língua portuguesa, não tinha menor noção do que fosse redação, redação de jornal, redação, nada. Então, os repórteres não se enquadravam dentro de técnica nenhuma. No copidesque, por isso a gente também chamava de reescrevedor, é que a gente dava uma forma dentro do padrão gráfico que a reforma do *Jornal do Brasil* exigia. Então, nós tínhamos realmente, na grande maioria das vezes, de reescrever a matéria toda e dentro de medidas, porque aí também entra a exigência do Amílcar. O repórter entregava uma matéria de três laudas, digamos assim, e os diagramadores diziam "olha, você faz isso aí numa lauda e meia". Isso era uma exigência muito grande também. E rigorosa. Uma lauda e meia tinha quarenta e cinco linhas. Às vezes o cara dizia "faz isso aí em quarenta e quatro linhas, faz em quarenta sete linhas", com rigor pra não estourar lá embaixo. Se estourasse o revisor, dentro do que se criou no *Jornal do Brasil*, ficava com um certo temor de cortar e jogar o sumo no lixo. Então, chamava a gente lá. A gente tinha que descer, a gente cortava lá gráfica mesmo, de acordo com o que a gente quisesse.

E a qualidade desse texto jornalístico, começou com o curso universitário?

Não diria isso, não. Começa a mudar quando foi contratado um grupo de elite pros jornais. O curso universitário não mudou muita coisa, até porque, com o perdão da palavra, é um curso vagabundo até hoje em dia. É um curso que pouca coisa ensina. Eu passei por várias faculdades, não como professor, pois eu nunca quis ser. Mas conheci vários alunos e fiz muitas palestras. É de uma pobreza, de uma indigência franciscana. Os moços e moças em primeiro lugar, não lêem nada. Ora pra você escrever bem, é preciso ler alguns autores. Ninguém que não leia os bons autores escreve bem. Os professores não exigem isso. Isso tinha que ser o item número um em qualquer curso de jornalismo. Você já leu tudo de Machado de Assis, de José de Alencar, de Graciliano Ramos. Você vai escrever bem o quê? Ouvindo os bestalhões que falam sobre futebol na televisão? Claro que não. As

coisas só se adquirem com a prática. Se você não mergulhar num laboratório de escrita, que é você mesmo, redigir, redigir, redigir, mas tendo uma retaguarda. A retaguarda são os bons autores de qualquer língua. Se você perguntar a um menino de escola inglesa se ele já leu Shakespeare, ele já leu, com toda certeza ele já leu. Pelo menos uma ou duas peças ele já leu. Aqui no Brasil, não. O sujeito chega em redação de jornal, "já leu?", "não, não li". Eu conversei com um desses diplomandos em jornalismo uma vez e disse "vem cá, que livros você leu da literatura brasileira?". Ele disse "ah, eu li só não sei o que de José de Alencar porque cobraram no vestibular, a professora do cursinho me disse". Esses cursinhos que conhecem coisas impressionantes sobre o background da prova de vestibular, conhecem tudo. Então, "olha, vai cair não sei de José de Alencar". "Ah, eu li esse livro de José de Alencar. Depois nunca mais li nada". Isso um menino de redação, já profissional, trabalhando. "E depois do vestibular?". "Depois do vestibular não teve mais necessidade, nunca mais li nada". Aí realmente não pode escrever bem, não é?

**Marcos, em 1963 você ganhou um Prêmio Esso de reportagem esportiva.
Que reportagem foi essa?**

Esse Esso, por justiça, o meu colega Dácio de Almeida, que Deus o tenha e, certamente, o terá, o mérito é todo dele. Ele bolou o assunto, subdividiu o assunto em seis itens e ele fez as entrevistas, ele saiu em campo. Eu apenas escrevia ou reescrevia quando havia essa necessidade, mas a quatro mãos sempre. Sempre o chamava e "olha, isso aqui vou alterar, vou fazer isso, aquilo" e nós éramos muito amigos. Ele sempre concordou comigo. "Faz isso, faz isso" e tal. Então ele fez seis reportagens, nós tivemos, mas sempre com ele em primeiro plano, seis reportagens sobre o mundo do futebol, que é também um mundo encantador para crianças, meninos doidos para jogar futebol é o que não falta no Brasil, achando que aquilo é um mundo maravilhoso. E, nessas seis reportagens, dizíamos, dizia o Dácio e eu o acompanhava que o mundo não é tão maravilhoso assim. Pelo contrário, pode ter coisas boas, mas exige enormes sacrifícios. E a série de reportagens era mais ou menos, cada uma delas, um sacrifício exigido dos jogadores de futebol. É um sujeito que nunca mais tem um domingo na sua vida, não tem domingo pra família, o domingo dele é na segunda-feira. Era em geral naquela época. Naquela época se jogava só no fim de semana, quarta-feira era raríssimo ter um jogo, a não ser de seleção, uma coisa extra. Então, segunda-feira era folga absoluta para jogador de futebol. Ele tinha o domingo na segunda. Ora, domingo na segunda não é das coisas mais agradáveis. Ele sai passeia com a família, só que ele não sai sábados e domingos. Ele não tem liberdade, porque viaja

muito. Naquela época não tinha campeonatos nacionais, só tinha campeonatos locais. Rio, São Paulo, Minas etc. Os campeonatos duravam, mais ou menos, de março a dezembro. Havia três turnos no campeonato local. Quando acabava começava essa folga, até março os clubes não tinham receita, não entrava dinheiro. Então, viajavam. Todos os clubes brasileiros faziam excursões. Janeiro e fevereiro eram meses de excursão, quer dizer, o sujeito viajava a força. Não é o prazer de viajar. E, em geral, voltavam invictos. O futebol brasileiro tinha uma grande superioridade naquela época. Invictos não, mas ganhando dez jogos, perdendo um ou dois. Era a maioria assim. E o jornal mandava sempre um enviado especial quando era o caso do Flamengo, Fluminense, não Bangu etc, pois todos viajavam também. Excursões menores, pela América do Sul, a preços menores. Mas, os grandes clubes sempre viajavam, quer dizer, o sujeito perde os domingos, viaja obrigado e não conhece nada de Estocolmo, não conhece nada de lugar nenhum. Chega lá treina, fica concentrado, joga, vai embora. É uma viagem horrorosa. Fica conhecendo, às vezes, era o caso do Garrincha, se é permitido dá uma, fazer, como dizia um professor meu, que matava a aula toda e começava assim "uma pequenina digressão". E naquela digressão ele ia embora. Mas, essa é realmente uma pequenina digressão. Quando o Botafogo viajou uma vez, o Sandro Moreira, que era nosso repórter, filho do escritor Álvaro Moreira, e era um sujeito gozador terrível, engraçadíssimo, altamente espirituoso, ele disse que o Garrincha uma vez, a delegação do Botafogo passeando por Roma, não era o Botafogo não, era a seleção brasileira. O técnico da seleção era um gordo, paulista, chamava-se Vicente Feola. Ele passeando lá por Roma, seu Feola, como os jogadores diziam, naquele tempo não se dizia professor, como hoje, escorregou e caiu no chão. Garrincha, nos vários comentários posteriores dele dizia "aquela cidade onde seu Feola escorregou e caiu" [risos]. Ele nunca se lembrou de dizer Roma. Então, era assim, não se aproveitava a viagem pra nada, para um passeio turístico, um mergulho cultural, alguma coisa assim. Até porque a grande maioria dos jogadores brasileiros era de gente muito humilde, gente que provem de uma camada pobre e tem pouco conhecimento. Alguns mesmos, como é o caso do Garrincha, semi-analfabetos. É isso aí.

Quais foram seus grandes companheiros desse período no Jornal do Brasil?

Citei o Carlos Lemos, logo no início. Carlos Lemos se tornou meu amigo íntimo, meu compadre, eu batizei filho dele, ele batizou filho meu e era realmente um grande companheiro. Jânio de Freitas também se tornou meu amigo por toda vida. Encontro ele, anualmente, na festa de aniversário do Newton Carlos. Newton Carlos era, se é que vocês não sabem, o melhor comentarista internacional da imprensa

brasileira. É até hoje como se fosse um irmão meu, o querido amigo Newton Carlos. Está com oitenta anos, mas lúcido, muito bem e até um mês atrás fazia o comentário internacional para a Rede *Bandeirantes*. É um sujeito extraordinário. A editoria internacional do *Jornal do Brasil*, nas mãos dele, foi a melhor editoria da imprensa brasileira. É um cara que conhece noticiário internacional, a realidade internacional como ninguém. Então, tem Carlos Lemos, Newton Carlos, depois, mais tarde, passando para a Enciclopédia Bloch, que eu não citei aqui, mas vou citar agora, uma revista de alto nível na qual trabalhei, o editor era o José Itamar de Freitas. José Itamar de Freitas também foi um jornalista extraordinário. Foi o criador do *Fantástico*, da Rede *Globo*, tal como existe hoje, como essas pílulas aqui, pequenas reportagens aqui e ali, mas pelo menos no tempo dele, atualmente eu não vejo mais *Fantástico*, não agüento, eram pequenas reportagens de alto nível. Muito boas reportagens. Ele tinha uma imaginação extraordinária. Quem mais? José Itamar, Carlos Lemos, Jânio de Freitas... José Silveira. José Silveira foi fechador do *Jornal do Brasil*, ele fechava as páginas internas e de lá a gente fazia as chamadas. Quem cuidava das chamadas era um poeta maranhense chamado Lago Burnett, bom poeta. As frases publicadas dele, se não se perdessem na boêmia, ele se perdeu muito na vida boêmia e na bebida, seriam, com certeza, um poeta lembrado hoje. Teria feito uma obra muita mais ampla. Mas era um companheiro de redação excepcional também. Como redator tinha um tirocínio para fazer títulos da primeira página, porque eu citei aqui os títulos internos, eram três de vinte e três, os títulos das chamadinhas de primeira eram três de quatorze. Às vezes, se a gente quisesse dar mais destaque à chamada, quer dizer, usar um corpo maior, os tipos eram três de onze. E três de onze pra dizer o que você queria dizer na chamada era um terror, porque aí se fechava o jornal todo e às vezes ficava todo o copidesque em torno de um título que não saía. Pépépépé, pépépépé, todo mundo tentando, "poxa, três de onze" e aí sentava o Burnett, tum, tum, tum e tirava três de onze, "tá aqui, ó". Era um redator maravilhoso e o *JB* tinha esse tipo de gente em quantidade. José Silveira, Lago Burnett, Carlos Lemos, Jânio de Freitas, Odílio Costa Filho que eu já citei *en passant*, mas era também um jornalista extraordinário, sem falar na pessoa humana. Eu tive essa sorte no meu tempo. Além de jornalistas, eu tive grandes amigos e trabalhei com pessoas humanas extraordinárias. Odílio foi uma delas. Odílio foi uma pessoa maravilhosa. Quem mais? Sérgio Noronha, que até hoje é comentarista de futebol na TV *Globo*. Coitado, não sei se ele sabe, mas meu filho que trabalha lá me informou. Não vão renovar o contrato dele porque está velho, o que é de uma burrice extraordinária. Está velho, mas saudável, vê bem futebol, sabe o que fala, fala bem português, mas a *Globo* passou de setenta e poucos anos é implacável, empresa, de um modo

geral, é implacável. Sérgio Noronha era um redator extraordinário, um homem muito espirituoso também, quer dizer, sabia fazer títulos de bom gosto e fazia com grande agilidade. Quem mais no meu tempo? Ah, trabalhei na pesquisa com gente muito boa. Moacir Japiassu, depois se tornou romancista, lançou três ou quatro romances de bom nível aí e mora hoje na roça por escolha própria. O, não me lembro o sobrenome, Ari era um professor de física de Niterói, um dos redatores da enciclopédia Bloch também. Trabalhei com Ney Bianchi, do esporte da Manchete. Fez uma boa revista, *Manchete Esportiva*. Quem mais? É possível que vá lembrando mais, vamos continuar e quando eu lembrar de alguém eu interrompo e faço um parêntesis.

Em seguida, depois do JB, você vai pra revista *Realidade*. Como que surgiu a *Realidade* na sua vida?

A *Realidade*, quando surgiu, eu já trabalhava aqui na sucursal da Editora Abril. Aí Luis Fernando Mercadante, Paulo Patarra e Sérgio de Souza, que foi o triângulo que primeiro dirigiu a revista, não quero separar aqui por cargos que nem me lembro direito, na verdade os três é que davam alma a revista, resolveram me convidar pra ser um dos repórteres da *Realidade*. E foi realmente um período maravilhoso na minha vida porque você tinha liberdade para escolher temas, viajava muito, tinha tranquilidade para construir seu texto. E, nesse ano e meio que eu fiquei na *Realidade*, fiz algumas boas. Ganhei outro Prêmio Esso trabalhando com uma fotógrafa chamada Cláudia Andurra, devia ser latino-americana, uma moça bonita, alta e excelente fotógrafa. Ele fez comigo uma reportagem, aqui em Botafogo, com um certo Centro de Reabilitação Nossa Senhora da Glória, o Dr. Raimundo Veras, que era oftalmologista do [Hospital Municipal] Miguel Couto e tinha uma casinha em Paquetá. Ele tinha o hábito de todo o fim de semana em Paquetá, a família ia a praia e tal. É o menino dele, o José Carlos, um dia dando um pulo de uma pedra, que eu não sei se é a célebre Pedra da Moreninha ou não, mas acho que não. Mas dando um pulo de uma pedra que se destacava em uma das praias da ilha, bateu com a cabeça no fundo, na areia e, imediatamente, teve conseqüências gravíssimas. Ficou parálítico, problema na coluna vertebral. O pai, então, foi para os Estados Unidos levar o menino para fazer o que fosse possível com recursos que ele não tinha aqui no Brasil e o menino foi operado e tal, mas ele conheceu, nos Estados Unidos, um método de cura de crianças nascidos com problemas cerebrais. E instalou aqui o Centro de Reabilitação Nossa Senhora da Glória, em que, basicamente, para resumir as coisas, a criança tinha que se arrastar pelo chão. Eu me lembro da abertura da reportagem, uma foto linda de uma criança se arrastando pelo chão e o Dr. Veras falando com a mãe. Parece cruel de início, mas

era maravilhoso. Ele obtinha resultados maravilhosos com esse arrastar da criança uma evolução cerebral. Ainda existe esse centro aqui no Humaitá. Esse menino dele depois que ficou paralítico depois estudou medicina, embora em cadeiras de rodas. Enfim, o assunto era maravilhoso. E valeu o Prêmio Esso, creio eu, mais pela beleza do assunto do que pelo repórter, sem dúvida nenhuma. Na *Realidade* eu fiz esta matéria, fiz esta viagem a Formosa como então nós chamávamos, hoje em dia todo mundo fala Taiwan. Naquele tempo se falasse Taiwan ninguém sabia que era a ilha de Formosa, nome dado pelos portugueses no século XVI quando descobriram a ilha e nós conservávamos a essa terminologia, muito mais bonita, aliás, muito mais formosa, até hoje. E a *Realidade* me mandou a Formosa para entrevistar o Chiang Kai-Shek, que era, com o perdão da gíria, um chato de galocha. Só respondeu com monossílabos, me recebeu no palácio com aquele cerimonial todo. Isso é obrigatório para o cerimonial, botou um intérprete no meio, eu aqui, ele e a gente falava do intérprete, que era um diplomata de carreira chinês que tinha sido embaixador no Peru. Então, ele falava um portunhol meio arrastado. Mas, isso eu contei pra Caio, foi o melhor da viagem e o editor, não sei por que, fez essa bobagem, foi fazer madame Chiang Kai-Shek mandar me chamar no Palácio de Inverno, um palácio maravilhoso, uma coisa de sonho. Não vou contar muito pra vocês, senão eu me perco, uma coisa maravilhosa. Em primeiro lugar, mandou uma limosine me buscar no hotel, a única vez na vida que eu andei de limosine, me levou a casa dela e, contei pro Caio outro dia, fiquei esperando ela surgir e me atendeu um mordomo de libré assim na porta, com um cajado que parecia o Papa. Então, nos sentamos, eu e o Jorge Lang, que era o fotógrafo, um americano muito boa praça, meu amigo, que viajou comigo, sentamos a espera, de repente uma figura desce a escada com aquele esquimó dos chineses, de seda, maravilhosa, aquela coisa e o tal mordomo pára assim, tinha um escadinha de dois ou três degraus dando do hall da escada para sala, ele pára, bate três vezes no chão aquele cajado e fala "madame Chiang Kai-Shek" [risos]. Aí nos sentamos e a conversa com ela foi bem mais animada. Porque ela era uma mulher inteligente, falava francês, inglês e o Chiang Kai-Shek, como eu disse, não falava nem o mandarim, que é a língua geral chinesa. A China tem cinquenta e tanto dialetos. Ele falava só o dialeto da região dele. Precisava de intérprete por causa disso. E ela não. Era uma mulher inteligente, culta, que inclusive tinha vindo ao Brasil. Por isso, ela mandou me chamar. Porque ela teve um problema de pele e foi ao médico em Londres, Paris e tal e todos acharam que era lepra. Então, mandaram ela para o Rio de Janeiro. Tanto em Londres como em Paris recomendaram o doutor Armínio Fraga, que era irmão do Clementino Fraga, hoje nome do Hospital [Universitário] do Fundão [UFRJ]. Clementino Fraga Filho. Pai e filho foram professores na Praia

Vermelha, onde era naquela época a Faculdade de Medicina. Então, mandaram ela para consultar o doutor Armínio Fraga no Rio de Janeiro. Ela veio, consultou e conseguiu se curar. Então, pra ela, era Deus no céu e doutor Armínio Fraga na terra. Ela tinha um livro publicado, quer dizer, publicaram por ela, chamava-se *Speech so Madame Chiang Kai-Shek*. Um livro muito bonito, encadernação de alto luxo e tal. Mandou um de presente para o doutor Armínio Fraga, com uma dedicatória, e me deu um. Um belíssimo livro. Me deu um com dedicatória também e conversou animadamente. Falava francês, inglês, não era burra como o marido, não. O marido era totalmente primário. Então, essa foi a parte melhor dessa minha viagem, essa entrevista, esse encontro com o Palácio de Inverno deles, essa coisa e editor não publicou uma linha sobre isso. Até hoje não entendo. Foi uma pobreza porque o material sobre Chiang Kai-Shek não era tão bom assim. Enfim, conheci a ilha, viajei, andei lá, valeu pela viagem, mas a matéria saiu fraquíssima. Só a entrevista com Chiang Kai-Shek. Que mais eu fiz pela *Realidade*? Ah, fiz uma boa matéria também, modéstia parte, não é por mérito meu, é porque a matéria que estava ali era muito boa, com a preparação da equipe olímpica americana para a Olimpíada de 1968, no México. Os americanos tinham montado um lugar chamado Lake Tahoe, na divisa dos estados de Nevada e Califórnia. Do lado da Califórnia tinha uma floresta de pinheiros que ficava exatamente no mesmo nível de altitude da Cidade do México. Então, eles prepararam sua equipe atlética ali. São dois mil e quinhentos metros de altitude, senão me engano, dois mil e seiscentos, por aí. Prepararam a equipe deles na altitude de Cidade do México. E montaram lá dentro acho que uma espécie de containers, uma coisa assim, uma espécie de barraca para cada atleta. Tinha uns cinquenta containers, cada atleta morava num lugar daqueles. E numa clareira da floresta instalaram uma pista de atletismo, com um material vindo da Suíça, inclusive cronometragem Longines, vinda da Suíça, pra medir o tempo dos atletas na corrida. Foi uma coisa muitíssimo interessante, que mostrou o poder dos americanos, porque eles papam tudo nas Olimpíadas. Não é só por ser um grande país, mas porque fazem uma preparação riquíssima. É claro que um país pobre não pode fazer isso, mas fazem uma preparação com profunda seriedade. E houve também de curioso nesta época, um protesto dos Panteras Negras. E dois dos ganhadores da corrida de velocidade, que em matéria de atletismo é o que mais empolga nas Olimpíadas, são cem metros rasos, duzentos metros. Foram negros, nesse grupo de Panteras Negras, que sobre o pódio Olímpico fecharam o punho e fizeram um grito qualquer sobre, depois eu viria isso na televisão, pois eu não fui ao México. Mas fiquei sabendo lá e, nesse lugar, onde fizeram a pista de treinamento, que era um lugar muito curioso, porque ali era a seriedade, o rigor do treinamento atlético desde que você passasse a divisa do

estado Califórnia. No estado de Nevada, onde se joga desbragadamente, se bebe, tem um cassino atrás do outro, o cara atravessa a rua com um copo de whisky na mão, joga milhões naquelas máquinas, naquela coisa, aquela coisa infernal esse negócio de cassino. Então, é um lugar muito curioso pelo contraste. Você atravessa a divisa dos estados, lá eles tem isto bem claro, place stateline, uma placa assim, atravessa aqui é um silêncio, um comportamento, atravessa pra cá é uma bagunça, essa coisa infernal. Bem, fiz essa reportagem com os atletas americanos e o que mais que eu fiz que se possa aproveitar? Ah, em Recife eu fiz uma entrevista sobre problemas do Nordeste no momento com três entrevistados, todos de alto nível. Saiu uma matéria boa por causa das respostas. Os que responderam as minhas perguntas foram o general Euler Bentes, que depois foi candidato à Presidência da República, embora nós vivêssemos o auge do período da ditadura militar. Ele era um cara liberal, inteligente e presidente da SUDENE [Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste]. Ele respondeu pela SUDENE. Um Pessoa de Queiroz, daqui de Pernambuco, pernambucano de alta estirpe chama-se Pessoa de Queiroz, né? Pessoa de Queiroz não lembra o cargo que ele ocupava em Pernambuco e D. Hélder Câmara, uma figura maravilhosa, que me encantou tanto que eu acabei escrevendo uma biografia dele mais tarde. Voltei lá e ficamos, se assim se pode dizer, ficamos amigos. Uma figura maravilhosa. Então, essa matéria foi muito boa sobre problemas do Nordeste, com D. Hélder, General Euler Bentes e esse Pessoa de Queiroz. Depois tentei fazer uma matéria fazendo um jogo entre D. Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção, que eram as duas maiores colunas do catolicismo brasileiro na época. Doutor Alceu era um espírito avançado, aberto, e Gustavo Corção exatamente o contrário, uma figura fechada. Mas, houve problemas. Gustavo Corção soube, não sei como, porque o repórter, de certa maneira, em muitos casos é uma figura indiscreta, nesses momentos procura ser discretíssimo para resguardar a sua matéria. Eu não sei como ele acabou sabendo que a reportagem seria um paralelo entre ele e Doutor Alceu e ficou furioso, telefonou para a redação, pediu para não publicar. Acabou virando um confronto de só uma página contra outra, duas páginas, foto de um, foto de outro, um pequeno texto aqui e ali. Mas foi um texto onde eu tive oportunidade de conhecer mais de perto os dois e conhecer mais profundamente o Doutor Alceu Amoroso Lima, que foi também, se assim posso dizer, meu amigo. Ele foi meu professor na faculdade, professor de literatura brasileira, extraordinário professor. Eu o procurava muito para conversar e acabamos muito amigos. Até porque, ele morava pertinho da minha casa. Ele morava na rua Paissandu e eu moro ali por perto. Então, essa foi uma figura marcante na minha vida. Fiz mais tarde um perfil dele trabalhando com José Antônio, um fotógrafo extraordinário também. Eu o visitei em Petrópolis, tinha

uma casa num bairro chamado Mosela. Enfim, foi uma figura muito importante na minha carreira. Não posso me perder. Com esse negócio de amigo, a gente se perde.

Marcos, o primeiro contato que você tem com D. Hélder foi por conta dessa matéria para a revista *Realidade*. A gente já está na ditadura, quando você faz essa matéria com D. Hélder, e a ditadura vai acabar banindo D. Hélder do noticiário, vai proibir que se fale no nome de D. Hélder. Como era a situação da *Realidade*? Como é que você consegue fazer essa matéria? Qual é a situação da censura na revista nessa época?

A censura, por incrível que pareça, era feita por um homem que não tinha perfil de censor e nem era censor. Era obrigatório que eles passassem pela mão de alguém. O governo exigia censura. A ditadura exigia censura. A direção da casa da Abril, os Civita, pediram que a censura de *Realidade*, que era uma revista que eles tinham mais cuidado, não queriam botar um censor boçal assim, pediram para D. Paulo Evaristo Arns fazer a leitura da revista. Então, a leitura da revista era muito liberal. D. Paulo deixava passar quase tudo, sabe? E a ditadura, que eu me lembre, nunca deu uma bronca maior assim, porque a gente, naturalmente, neste contexto, não é por covardia nem nada, é porque você tem que preservar a revista, a empresa e tal, então, a gente pisava em ovos em certos assuntos. Não ia fundo como se diz. Mas, na medida do possível, explorávamos o que fosse melhor para explorar assim, com a benção de D. Paulo Evaristo. A revista não sofreu muito.

Mas ainda assim, Marcos, a gente vê por essa e outras capas que a *Realidade* pautava assuntos polêmicos, alguns polêmicos até hoje. Falava em aborto, tinha matéria de capa falando sobre maconha, tráfico. Isto na época repercutia de que modo na sociedade, entre os leitores? Você se lembra de como a revista era recebida?

Eu me lembro que repercutia com sucesso. A revista era muito bem recebida. Esses temas não sendo explorados de modo sensacionalista, mas sendo explorados com seriedade, davam a revista um grande renome. Esse tipo de texto é que fez sucesso na revista. Era uma revista procurada nas bancas no dia em que saía. Era uma revista mensal, mas, vamos dizer, lá pro dia quinze, você via um monte de gente indo para casa com a *Realidade* na mão e bateu recorde de vendas por meses seguidos. Muitas vezes bateu recorde de venda. Quando acabou a direção do Milton Coelho da Graça, acho que assumiu o Alessandro Porro, mesmo assim, indiretamente a revista, ela caiu muito. Dom Paulo Evaristo também abandonou o posto dele. A revista começou a sofrer uma censura forte e a se auto-policiar

também de uma maneira muito maior do que no tempo de Mercadante, Sérgio de Souza e Patarra. Então, com isso a revista foi se quebrando muito. Foi a própria ditadura e as circunstâncias. As pessoas mudaram. Durante a ditadura você encontrava sempre esse tipo de coisa, pessoas que têm uma certa resistência e encontra outras que se deixam manipular como carneiros. Foi o caso aí. A revista começou a fracassar, começou a fracassar até que resolveram fazer uma nova *Seleções*, do Readers' Digest. A revista não diminuiu de formato, mas passou a ser similar a *Seleções* e aí afundou, acabou.

Quem foram seus companheiros de *Realidade*?

Foram esses três que dirigiram a revista, mais um repórter excelente. Deixa eu dar uma olhada no expediente da revista porque cabeça de velho é o diabo... José Hamilton [Ribeiro], que perdeu uma perna no Vietnã, companheiro extraordinário. Ele eu acho que não estava aqui, mas eu vi Hamilton Almeida e lembrei do José Hamilton. João Antônio, escritor, contista extraordinário, muito bom. Laís de Castro, minha irmã que não vou citar por modéstia. Milton Coelho assumiu e mudou toda a redação em relação ao meu tempo, mas posso citar aqui também... Woile Guimarães, que depois trabalhou na *TV Globo* comigo, era um excelente repórter. E um outro que eu não vou lembrar o nome. Mas, Woile Guimarães acho que era, talvez, o melhor repórter do grupo. Era muito bom.

O texto de *Realidade* tinha alguma especificidade, alguma característica marcante?

Não, a gente tinha liberdade total para fazer do jeito que quisesse, como quisesse e ninguém mexia. Do jeito que saía da mão do repórter ia pra gráfica, quer dizer, havia um fechamento. Eu ia todo mês a São Paulo para esse fechamento. Esse fechamento era um corre corre e tal, a gente dava uma penteada final, mas cada um na própria matéria. E os chefes, Mercadante, Patarra e tal, davam uma lida em tudo, como é de obrigação de alguém responsável por uma edição, mas raramente mexiam em alguma coisa. Praticamente como saía da nossa mão, ia pra oficina de composição.

Alguns estudos sobre a revista falam da influência do novo jornalismo americano, *new journalism*. Existia essa correspondência?

Não, não me lembro. Se existia, ninguém levava a sério, pelo menos nunca ninguém falou nada comigo e eu nunca tive nenhuma diretriz assim, no sentido dessa revista americana. Perdoe a minha ignorância, mas eu nunca tinha ouvido falar.

O novo jornalismo do Gay Talese e outros, mas isso pode ser uma construção a posteriori. Algumas pessoas às vezes falam...

É, deve ser alguma coisa *posteriori*, porque lá ninguém falava nisso não.

Não tinha uma referência?

De modo nenhum.

Da Realidade você passa para revista *Manchete*. Naquele momento, qual era a situação dessa revista?

A revista *Manchete*, pressionada pela Editora Abril, porque antes ela reinava absoluta, o Brasil só tinha duas revistas, *O Cruzeiro* e *Manchete*, quer dizer, *O Cruzeiro* entrou em decadência e a *Manchete* reinava absoluta. De repente, começou a decair também. É a fase. Todo tipo de revista e publicação tem altos e baixos, ninguém dura eternamente. Então, a *Manchete* estava numa fase de baixos. E assumiu a direção da revista o Zevi Ghivelder, jornalista do qual vocês já devem ter ouvido falar. E a atitude número um dele foi renovar a redação toda. A revista *Manchete* era feita, basicamente, de roubar textos de revistas estrangeiras. Tinha uma redação aqui no Brasil, claro, repórteres nossos, faziam assuntos brasileiros. Mas fora isso, os assuntos internacionais eram praticamente chupados como nós falávamos de várias revistas estrangeiras, sobretudo *Paris Match*. Então, a redação tinha seus repórteres, tínhamos nós, para reescrevíamos ou revíamos, pelo menos a matéria dos repórteres e construíamos na redação vários reportagens chupando de *Paris Match* e de outras revistas. Tinha revistas inglesas e tal, mas eu não falo inglês. Para mim vinha basicamente a parte do *Paris Match*. Então, era uma revista feita com grande desonestidade, na base da chupação, mas os Bloch tinham realmente um império construído não na base de muita seriedade. Tornaram-se realmente um império. Só aquele prédio na Praia do Russell, projeto de Oscar Niemeyer era uma beleza. Tinha uma redação...no terceiro andar, não sei se vocês conheceram, era tudo de mármore, o chão de mármore, uma piscina maravilhosa, um teatro nos fundos, que era o teatro mais moderno do Brasil na ocasião, de uma poltrona para outra tinha uma distância assim, de modo que nenhuma cabeça atrapalhava ninguém de ver nada, era um teatro maravilhoso. A parte folclórica era a Manchetinha, que era uma cadela enorme, de estimação do Adolpho Bloch. Ela ficava dando voltas entre as mesas na hora de almoço e algumas vezes ela metia o focinho no prato do freguês. Eu puxava o prato, "sai Manchetinha". Mas tinha muita gente que ficava quietinha. "Ah, é o xodó do Adolpho Bloch". Adolpho era um tipo esquisitíssimo, um tipo curioso. Ele entrava na Mercedes Benz que ele tinha, botava Manchetinha no banco da frente e a mulher no

banco de trás. E quando ele tava furioso com slides ou transparências, a grande preocupação da *Manchete* eram boas fotos, muito mais que redação. Então, Justino Martins, que foi diretor depois de Zevi Ghivelder, só se preocupava com as transparências. E o Adolpho de vez em quando passava. Ele ficava zanzando de baixo pra cima, de um andar ao outro, entrando em todas as redações. Ele passava lá e dizia "Justino deixa ver a foto da primeira". Justino mostrava o slide pra ele, se ele não gostasse do slide, ele mastigava, "ah, tá uma porcaria, hum, plá". Cuspia [risos]. Era um personagem terrivelmente folclórico, muito esquisito. Trabalhei lá dois anos e depois fui embora, mas nesses dois anos, trabalhei com uma redação excepcional, que o Ghivelder contratou também. Tinha o Nilson Lage, que hoje é professor em Florianópolis, foi professor aqui no Rio também e era um redator de primeiríssima ordem, Raimundo Magalhães Júnior, o escritor, que era um tipo muito estranho também, mas bom sujeito. Ele tinha um metro e meio de altura e quando muito fazia calor e o ar condicionado estivesse com defeito ele tirava a camisa, batia furiosamente no teclado, bá, bá, bá, fazia um barulhão. Redação naquele tempo fazia barulho. Quem mais? Maurício Gomes Leite, crítico de cinema, sujeito muito inteligente, excelente redator, Carlinhos de Oliveira [José Carlos de Oliveira], que era colunista do *Jornal do Brasil*, de grande sucesso. Bebia que nem gambá. Acho que foi ele e Justino Martins que introduziram no Brasil esse negócio de homem andar com uma bolsa. Ele uma tinha garrafa de whisky debaixo da cadeira dele, botava um copo em cima da mesa, redigia meia dúzia de linhas e "pá". Bebia demais. Claro acabou mal e José Carlos de Oliveira era um redator extraordinário. A *Manchete* formou realmente um grupo. Depois Ivã Alves, que veio de Paris, ele saiu fugido da ditadura e arranjou um emprego na sucursal de Paris da *Manchete*. Ficou um ou dois anos lá, depois as coisas melhoraram para ele. Ele foi repatriado e voltou para o Rio de Janeiro, excelente redator. Quem mais? Renato Sérgio, a quem cabia todas as matérias de show business, esse tipo de coisa que a *Manchete* tinha muito e ele era enfrornado no assunto. Basicamente esses, mas era uma redação de alto nível. O Ghivelder fez questão de contratar gente que transformasse a revista que realmente deu um salto qualitativo e... ah, Muniz Sodré, que hoje é diretor da Biblioteca Nacional, um rapaz que tinha tido estágio em Londres, Paris, veio de Londres para trabalhar aqui também. Homem de grande cultura, que alia a sua cultura a curiosidade de ser um bom judoca também. Judoca ou qualquer luta dessas japonesas. Mas, muito bom sujeito e muito culto. Está fazendo um bom trabalho na Biblioteca Nacional. Eram esses, basicamente. Um grupo de alto nível. O Ghivelder deu uma elevada na *Manchete* durante certo tempo. Depois fechou porque foi o destino desse tipo de revista. As revistas se transformaram nas do tipo informação como *Veja*, *Exame* e a grande revista

ilustrada sumiu no mundo todo. O próprio *Paris Match* ainda vive, mas não com as mesmas características, com aqueles destaques nas fotos.

Por que será, Marcos?

As coisas têm um ciclo, eu não sei te explicar teoricamente. Eu não sei por que. Eu não sou muito bom com teoria, mas sei que acabou um ciclo. Eu não consigo te explicar. E o novo jornalismo é esse, que se faz em *Veja*, em *Exame*. O ciclo de revistas como a *Manchete* acabou. Como eu te disse, o próprio *Paris Match* não tem as mesmas características. Todos os países têm revistas deste tipo, de *Veja*.

Marcos, a Editora Abril foi criada em São Paulo em 1950, primeiro fazendo quadrinhos da Disney, mas depois vêm as revistas femininas, *Cláudia, Nova*, e em seguida *Quatro Rodas, Realidade e Veja*. Houve uma mudança no mercado de revistas, que passou do Rio de Janeiro para São Paulo?

Na verdade, eu diria que houve um desequilíbrio porque a Abril veio com força total, muito dinheiro, eu não sei de onde vinha tanto dinheiro, mas dizia-se na ocasião que a Abril não tinha capital brasileiro e sim americano, o que deve ter um fundo de verdade. Porque ninguém nasce do nada e de repente, com revistinhas infantis se transforma num império. Aliás, o fato dela começar com Wat Disney mostra bem suas raízes norte-americanas. Começou com Mickey, Pato Donald, essas coisas. Depois que produziu outros tipos de revistas e se transformou num império. Eu não sei te explicar, mas o fato é que é dinheiro. Ela teve muito dinheiro injetado na vida dela e transferiu para São Paulo o centro...me lembro bem de uma crônica do velho Rubem Braga em que ele dizia que era uma coisa estranha o fato de uma cidade rica como São Paulo não ter uma revista nos anos 1950. Nós tínhamos aqui no Rio de Janeiro *O Cruzeiro* e *Manchete*, grandes revistas o Rio Grande do Sul tinha uma revista chamada *Revista do Globo*. Minas Gerais tinha uma revista chamada *Alterosas*. Não eram grandes revistas como *O Cruzeiro* e a *Manchete*, mas eram revistas conhecidas que vigoravam. Tinha um público que gostava de *Alterosas*, outro da *Revista de O Globo*, mas São Paulo não tinha rigorosamente nada, era estaca zero. Me lembro muito bem dessa crônica. Mas como tudo na vida moderna é dinheiro, foi com dinheiro que a Editora Abril veio, creio que realmente dinheiro americano, possivelmente hoje não será. A *TV Globo*, por exemplo, começou com capital americano. Hoje não tem capital americano lá, com toda certeza. Possivelmente a Abril não tenha, mas criou o império com capital americano. É o que se diz e eu acho que é verdade. Tem tudo pra ser verdade.

Você entrou no *Jornal do Brasil*, se eu não me engano, não foi o primeiro...

Não, eu fui e voltei. Trabalhei seis vezes no *Jornal do Brasil*, quer dizer, voltei cinco vezes. Foi uma marca maior na minha vida.

Mas aqui tem um período mais longo, de 1973 a 1979.

De 1973 a 1979? Eu sou ruim de data. Eu sei que fui e voltei, mas não vou te dizer com precisão rigorosa, não.

De qualquer maneira, este foi um período de alguns acontecimentos importantes na história do *Jornal do Brasil*. 1975, por exemplo, que é o ano que o Alberto Dines sai, é também o ano do novo edifício da Avenida Brasil...

É, essa foi a desgraça do jornal. O jornal empenhou uma fortuna naquele prédio, endividou-se até o pescoço e começou a sua decadência ali. O prédio em vez de ser um motivo de progresso para o *Jornal do Brasil* foi o fim do jornal, porque ele nunca mais se recuperou das dívidas que fez, começou a afundar, afundar e acabou sendo vendido para esse Tanure. Coitado, virou tablóide. Eles fazem questão de dizer que não é tablóide, é berliner, que é um pouquinho maior que tablóide, no formato de um jornal em Berlim. Mas, foi triste. Para mim, foi muito triste, porque, embora sem negócio de vestir a camisa, que a gente não veste a camisa do patrão, a camisa é do patrão, né? Mas, era uma redação muito fraternal na convivência, eram grupos muito amigos. Isso ajuda fazer uma boa redação. Porque se você tem um inimigo do lado...não é? Mas era um grupo muito amigo. Então a redação cresceu muito por causa do entusiasmo inicial é que se formaram grupos amigos. E isso a gente deve a Odílio Costa Filho, essa figura extraordinário, que soube reunir em torno dele, gente que ele tratava com muita amizade, muito carinho.

Marcos, nesse retorno você volta como copidesque da editoria de política...

Editoria de política chefiada por Luciana Villas Boas, que é hoje é editora da Editora *Record*, de livros, uma moça inteligentíssima.

Você chega um pouco antes do Ernesto Geisel assumir. Ele assume em 1974. Aí começa um processo de distensão política. Você deve ter tido uma visão privilegiada de como a autocensura influenciou o trabalho dos repórteres. Você teve essa percepção, Marcos?

Não precisa de muita percepção. A coisa nos jornais, ao contrário ao contrário de revistas, em *Realidade*, por exemplo, Dom Paulo Evaristo Arns estava ali, era diferente. As redações dos jornais, no dia a dia, recebiam bilhetes dos censores. Então, diariamente ia pra mão do Carlos Lemos, editor do jornal na ocasião, um

bilhete do major fulano de tal, dizendo "o assunto tal assim, assim não pode ser abordado hoje. Não pode falar nisso, não pode falar naquilo". Então, tinha uma lista na redação. Não chegava aos repórteres, pois eles não tratavam de determinados assuntos. Sabiam de tudo, porque qualquer coisa em jornal funcionava assim. Tinha a redação, nós, os copidesques, éramos dez ou doze, chegamos a ser quatorze em uma ocasião, e uma separação de madeira onde sentava o Carlos Lemos com uma janelinha em que ele abria e fechava e dava berros. A redação era um barulho infernal. É uma das diferenças básicas da redação antiga, dá época de máquina e da época do computador. Hoje a redação é silenciosa. Naquele tempo era uma barulheira infernal, uma bateção em máquina...talvez fosse isso que levasse todo mundo a berrar. O Lemos, por exemplo, tratava todo mundo aos berros. Não com autoritarismo, mas do jeito dele. Berrar era uma coisa barulhenta, então ele abria aquela janelinha e berrava "Olha, tal assunto assim, assim está na censura e hoje não pode". E "pá", fechava aquilo. Então tinha os assuntos determinados, quer dizer, não criava problemas de consciência pra ninguém. Era até bom nesse sentido, pois já era determinado pelo major fulano, pelo censor. Durante uma época foi um delegado, depois um major, de modo que a gente se sentia, claro, fora dos assuntos proibidos, mas pra mão da gente vinha só o que não era proibido. Não era você que tinha que se autocensurar. Isso era muito bom, né?

Marcos, mas aí também muitas vezes os repórteres não sabiam dos assuntos, mas passavam saber e iam apurar aquilo. Não tinha isso?

Tinha tempo perdido demais. O repórter ia apurar, passava a tarde lá, voltava, chegava lá o Carlos Lemos dizia "nem adianta bater. Esse assunto está proibido". E às vezes batia e tal, chegava só a noite o negócio do major e delegado, perdia-se um tempo enorme e a matéria ia por lixo, muitas vezes. Totalmente.

Esse foi um período também marcado pelo fim de alguns jornais de reconhecida importância aqui no Rio de Janeiro, entre eles, o Correio da Manhã, em 1974. Passados mais de trinta anos, como você avalia a causa do fim desses jornais?

Este também foi um fenômeno mundial. Eu não sei te explicar por que. Mas todas as grandes capitais do mundo terminaram com ou dois grandes jornais. O Rio de Janeiro tinha uns dez jornais entre matutinos e vespertinos e estes horários eram muito respeitados. *O Globo* fazia um vespertino. Só chegava às redações duas ou três horas da tarde. Saía o pequeno jornaleiro dizendo "*O Globo, O Globo, chegou O Globo*" e tal. De manhã não tinha *O Globo*. O velho Assis Chateaubriand, que

tinha uma cadeia de jornais, uma de televisão, uma de rádio, era uma figura triste, mas riquíssimo, ele tinha, no Rio de Janeiro, *O Jornal* e a cadeia dele chama-se Diários Associados. Na televisão era os Associados, no rádio era Associados. *O Jornal*, que tinha embaixo do título a seguinte frase: "Órgão líder dos Diários Associados". Porque os Associados tinham jornal no Brasil todo e o órgão líder era na da capital da República. Então, ele tirava *O Jornal de manhã* e o *Diário da Noite* à tarde. O *Diário da Noite* era um jornal verde. As bancas de jornal no Rio de Janeiro eram tecnicolor. Tinha e tem até hoje o *Jornal dos Sports*, que é cor de rosa, tinha o *Diário da Noite* que era verde e os outros jornais. Então, os próprios Associados tinham um matutino e um vespertino, *O Jornal* e *Diários da Noite*. Tinha outro vespertino que se chamava *A Noite*, tinha sede no Edifício da Praça Mauá, chama-se até hoje o Edifício da *A Noite*. Enfim, tinha vespertinos e matutinos de forma bem dividida e respeitava-se o horário. Saía jornal de manhã, saía jornal à noite e vários jornais. Tinha *O Dia*, *A Notícia*, todos esses jornais existiam. *O Dia* saía de manhã. *A Notícia* era vespertino e saía de tarde. E mais outros que eu não me lembro assim. E orgia toda de jornais, grandes jornais de manhã, grande jornais de tarde, foi saturando e foi terminando no Rio de Janeiro, São Paulo e no mundo todo para sobraem dois grandes jornais. Londres tem dois grandes jornais, *The Times* e *The Mirror*, se eu não me engano. Paris tem dois grandes jornais, Berlim etc o mundo todo. Nenhum tem dez jornais e tal. O que não quer dizer que o mercado tenha encolhido porque os dois que sobram ampliaram muito suas redações, se transformaram em verdadeiros grandes jornais. Na cidade de São Paulo sobram o *Estadão* e a *Folha de S. Paulo*. Também lá tinha uns dez jornais. Tinha do velho Chateaubriand, o *Diário de S. Paulo*, esse também sobreviveu porque *O Globo* comprou. Mas sobreviveu sem grande sucesso. A rigor São Paulo tem a *Folha* e *O Estado*. Aqui tem *O Globo* e o *JB*, que, coitadinho, encolheu. Mas foi um fenômeno que eu não sei explicar, vocês já viram que eu péssimo teórico. Deu-se o fenômeno e o número de jornais encolheu, mas o mercado de imprensa não encolheu. Continuou o mesmo, com poucos veículos, porém mais poderosos. Neste sentido, qualquer picareta abria um tabloidzinho e tal. Isso existe ainda, mas não sei se fazem sucesso. *O Dia* lançou um tablóide ai, mas se faz sucesso. Mas o que reúne redação de peso mesmo são dois jornais em todas as cidades do mundo, de um modo geral. Um fenômeno universal que a minha ignorância não consegue explicar.

Em 1979 você foi para a TV Globo. Como foi essa experiência?

Boa, muito boa, porque eu fui pra lá para ser pauteiro. Lá encontrei meu Luiz Fernando Mercadante, que tinha sido diretor de *Realidade*. Ele foi dirigir a *TV*

Globo e acabou num caso de amor com Alice Maria. Então ele me convidou. Somos amigos fraternais, como irmãos. Ele me convidou para fazer a pauta da editoria Rio. Diz que o RJ estava com pautas fracas, precisava de um pauteiro novo e tal. Eu nunca tinha feito pauta na vida, nunca. Mas pauta é um setor que exige sobretudo experiência para você saber a notícia de onde vem, que fontes consultar, precisa ser um jornalista experiente. Experiência eu tinha. Eu tinha já uns vinte anos de profissão em 1979. Então, eu fiz a pauta com algum sucesso, a pauta cresceu e no RJ foram dois anos em que eu tive uma enorme satisfação de trabalhar. Os repórteres todos vinham conversar comigo, vinham trocar idéias ao saírem e voltarem do trabalho. Foi um período muito grato pra mim porque fui amigo de todos os repórteres. Até que dois anos depois o pessoal do esporte, que vinha me namorando desde o início, acabou me roubando para fazer a pauta do esporte e eu gostei também, eu gosto muito de futebol. Acho que já disse ao Caio que sou Flamengo desde menino e fazia com entusiasmo. Tinha uma equipe muito boa também. Tinha bons repórteres como Raul Quadros, belíssimo repórter, desses chamados repórter furão. Ele fazia coisas magníficas. Me lembro de um Brasil e Uruguai, uma coisa assim em Montevideú, não sei onde, em Porto Alegre, acho que foi em Montevideú. Ele estava entrevistando um jogador do Brasil, que tinha tido uma atuação excepcional, era vedete daquele jogo e tal, cortaram a entrevista, fizeram uma grade assim entre eles, ele pegou o microfone e jogou por cima da grade, naquele tempo não tinha microfone sem fio ficou o fio na mão dele e ele ficou entrevistando o jogador assim ao longe. Era um sujeito de tiradas e improvisadas magníficas, excelente repórter. Quem mais? Enfim, tinha uma boa equipe, uma boa equipe de retaguarda, tinham editores de texto, que correspondem ao copidesque de jornal impresso e no fim, acabei parando com a pauta e sendo editor de texto também. Eu passei, negócio de anos para mim é complicado, mas acho que passei uns três ou quatro anos no esporte. De lá eu acho que fui para *Vejinha* Rio, senão me engano.

Nesse momento em que você entrou na TV Globo, em 1979, no governo Figueiredo, ainda tinha censura na televisão, como era a situação?

Doutor Roberto Marinho, que Deus o tenha, era muito ligado aos militares. Então, eles resolviam entre si lá os problemas, para gente não chegava a isso. É claro que não se tratava de determinados assuntos e a gente estranhava. Mas era tudo feito com muita discrição, de modo que isso não transpirava nas redações. Era tudo discreto e de entendimento direto do Doutor Roberto com o regime militar.

Marcos, imagino que você ainda estivesse na editoria Rio em 1981, quando aconteceu o atentado do Riocentro. Você lembra como foi a cobertura?

Lembro. Foi uma cobertura que mobilizou, claro, a redação inteira. E me lembro, sobretudo, isso é uma coisa a parte, entre parêntesis, mas essas coisas dão uma certa vida, o Léo Batista, que era um locutor da turma do esporte, eu estava na pauta do RJ ainda, entrou desesperado, chorando e berrando, ele é altamente escandaloso. "Minha filha, meu Deus, o que fazer". Precisamos dar um chá de capim limão pra ele, uma coisa qualquer e tal. Mas, a cobertura pegou a redação inteirinha, foi todo mundo pro Riocentro e teve aquele episódio do capitão ser levado para o [hospital] Miguel Couto, aquele capitão, atingido na região abdominal, eu não me lembro o nome dele...

Capitão Wilson Dias Machado...

Isso, que era certamente um bandido, porque um cara que foi jogar bomba num lugar que reunia dezenas de milhares de estudantes, pessoas era um bandido, um dos piores representantes da horrível ditadura. Mas foi uma coisa que mobilizou todo mundo. Todo mundo passamos a noite lá, nós rompemos a madrugada, uma mobilização geral como que tem de ser feito nessa hora e nisso a *TV Globo* era muito boa. Pra mobilizar com presteza, rapidez inventou o serviço de motoqueiros, que iam e voltavam com as fitas, traziam as coisas, pois as motocicletas se metem em qualquer lugar no meio do trânsito. Então, era um serviço feito com muita agilidade. Rompemos a madrugada e acho que foi feita uma boa cobertura, com várias edições extraordinárias entrando no ar, a TV virou vinte e quatro...naquela época, a TV não ficava vinte e quatro horas no ar, acho que acabava a uma hora da manhã, a transmissão recomeçava às cinco. Mas, aí virou a noite inteira, foi uma boa cobertura. Mobilizou todo mundo e foi feita com muita agilidade.

Você lembra de ter tido algum tipo de interferência, por conta da gravidade do fato?

Não, não me lembro e acho que não houve, porque aí acabou a questão política, foi só a questão dolorosa de gente ferida, gente atingida, um lugar com vinte mil pessoas e uma bomba, um corre-corre e aí acabou qualquer questão política, foi só o fato que noticiamos. E claro, esse capitão entrou na cobertura, como seria indispensável, talvez houvesse uma vontade de censurar qualquer coisa. Mas não havia você como censurar o responsável por tudo aquilo que aconteceu, senão você iria descrever como? "Foi uma bomba". "Quem jogou a bomba?". "Foi o capitão fulano e ele está gravemente ferido". Foi um corre-corre. Então, noticiou-se tudo. Não houve censura realmente. Foi bom porque desvendou todo o caso do

Riocentro. Embora, o inquérito policial militar [IPM] posterior, o IPM conduzido por um capitão que ficou famoso também, agora não lembro o nome dele...

Job Lorena...

Isso, Job Lorena. Ele fez um inquérito policial militar ridículo, que isentou de culpa os militares e tal. Mas uma coisa tão ridícula que ficou visível pra todo mundo, mesmo as pessoas mais mal informadas do fundo da roça viram o ridículo do processo. Lembro como se fosse hoje do dia em que ele foi mostrar para o mundo o resultado final do processo. A TV mostrou ele numa parede diante de um mapa, ele mostrava isso, mostrava aquilo. Foram totalmente inocentados os militares. Foi uma coisa muito grotesca, não chegou a impressionar ninguém.

A gente falou agora do Riocentro, mas há alguns outros episódios marcantes desse processo de redemocratização, que acabam tendo uma repercussão para dentro da *TV Globo*... Não sei se você ainda estava lá, naquele momento, que é o famoso debate entre o Collor e o Lula em 1989, em que dentro da *Globo* há a polêmica sobre a edição dos dois debates para o *JN* e o *Jornal Hoje*, e aí ocorre uma dança das cadeiras, a saída do Armando Nogueira e da Alice Maria e a ascensão do Alberico Souza Cruz. Você estava lá neste momento?

Não, não estava lá neste momento, mas a coisa ficou muito notória. Falou-se a verdade pura, o Alberico, claro que por ordem da direção e tal, mas ele alterou a edição, fez uma coisa totalmente favorável ao Collor. Vocês conhecem, todo mundo conhece o episódio, que para *TV Globo* foi altamente desgastante, porque mostrou a parcialidade e a desonestidade no momento da cobertura. Toda cobertura que não é imparcial é, por definição, desonesta. E essa foi uma grave parcialidade. Dois candidatos à Presidência da República e a edição ficou visivelmente favorável ao Collor. Não fosse a *TV Globo* o poderio financeiro que é, teria sofrido conseqüências maiores, mas as coisas vão rolando, acabam ficando esquecidas e hoje em dia fazem parte apenas da história, não incomoda mais a emissora, mas é um episódio negro na história da *TV Globo*.

Marcos, depois você volta a *TV Globo* e vai fazer inclusive a crítica interna dos telejornais. Essa sua função tem haver com uma revisão e até como um aprendizado desse episódio?

Não, nada haver. Nem existia a função e já se havia passado um bocado de tempo. Isso foi uma generosidade, é importante que eu registre isso aqui, do meu querido amigo Ancelmo Góes. Porque eu fui demitido da *Vejinha Rio*, impressa aqui no

Jornal do Brasil. E eu acompanhava todo trabalho de impressão e composição aqui nas oficinas do *JB*. Passava a madrugada lá, acompanhava os textos que chegavam, lia da composição até a impressão final. Saía de madrugada, chegava em casa de madrugada. De repente, a Abril transferiu a impressão para São Paulo mesmo. Raciocinaram que estavam jogando dinheiro fora, que eles podiam...aí tem o preço do transporte de São Paulo pra cá, mas enfim eles resolveram assim, resolução da cúpula da empresa e aí me demitiram sumariamente, como as empresas fazem em geral. "Não precisamos mais de você. Toma um ponta pé no bumbum e vai-te embora". Foi o que aconteceu comigo. Ancelmo Góis que trabalhava na *Veja*, teve uma coluna na revista durante muitos anos, uma boa coluna, uma coluna com grande repercussão. Imediatamente, teve a generosidade de ligar para o Alberico, que acabava de assumir o lugar que era da Alice Maria, na verdade o lugar que era do Armando Nogueira, só que o Armando não trabalhava, Armando...bom vivant total. Era tudo nas costas da Alice Maria, mas só aparecia o nome dele. Então, Ancelmo Góis ligou para o Alberico e disse "o Marcos de Castro está desempregado e tal". Fez lá um elogio imerecido e o Alberico "mande ele pra cá que eu vou arranjar alguma coisa pra ele". Aí eu fui a almoçar com ele e começamos a conversar, eu, ele e o Schroder, que era o sub do Alberico no momento e hoje se tornou o todo poderoso da *Globo*, com méritos. É um trabalhador braçal. Chega cedo e sai de madrugada da *TV Globo*, é exigente e tal. Então, eu fui, conversei e acertamos isso, um serviço que a *Globo* não tinha. Mas, você vê que não tinha ligação uma coisa com outra, como você supôs, talvez, você não afirmou. Não tem ligação nenhuma. Conversamos e no meio da conversa o Alberico sugeriu isso e disse "eu acho que seria bom pra *TV Globo* ter um controle interno de qualidade, uma crítica interna para atingir os repórteres, editores de texto. Então, comecei a fazer isso, que é uma função que tem um lado muito bom, mas um lado desagradável. Eu falei com o Caio outro dia sem contar o episódio. Vou contar hoje aqui, contando o milagre, sem contar o santo. Eu era muito procurado, felizmente, por todos os repórteres da editoria Rio e, através de computador, por todo pessoal de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife que mandavam mensagem, discutiam, concordavam ou discordavam, mas aí havia uma réplica democrática. Eu falava, eles falavam, enfim, eles me entendiam muito bem, foi um bom período da minha vida profissional, porque me enriqueceu muito, eu aprendi muito por causa desse diálogo. Toda noite minha sala estava com um dois, eu recebia um de cada vez pra não misturar a estação. Embora seja uma coisa meio antipática, você manter a porta fechada, coisa de dentista, mas eu tinha que manter a porta fechada senão bagunçava tudo. Mas, muito procurado, muito diálogo, uma coisa muito boa toda santa noite. Teve um pequenino episódio só que

omite conversando com o Caio, que foi um repórter de São Paulo, que se referindo a um churrasco pronunciou grêlha à grade. E escrevi no relatório que a pronúncia era grelha, que eu nunca tinha ouvido ninguém falar grelha na vida. Desde pequeno até que morre em qualquer região do Brasil, a pronúncia é grelha. Depois eu descobri em São Paulo que é grelha generalizado. Mas, enfim, isto gerou uma discussão porque tal repórter de São Paulo que falou grêlha ficou furioso comigo. E usou termos grosseiros, disse que eu era uma besta, me agrediu profundamente. Não vou dizer o nome porque não interessa, ele está aí, atuando até hoje, mas foi o único aborrecimento que eu tive. Dá um bom saldo. Eu trabalhei nesta função uns dois anos só tive um aborrecimento por causa de uma bobagem dessa. De resto, foi uma coisa muito boa.

Qual a sua opinião sobre o jornalismo hoje? Quais são os problemas do jornalismo hoje?

Agora você me botou contra a parede. É uma coisa meio difícil de responder. Eu acho que se faz um bom jornal. *O Globo*, por exemplo, não se pode dizer que não é um bom jornal. É um bom jornal. Agora, eu acho também os jornais um pouco tímidos na crítica hoje em dia. Nós vivemos um período democrático e tal, os jornais poderiam ser mais críticos sobre vários aspectos. Isto é difícil de definir, mas eles não têm o espírito crítico que seria de se esperar num jornal, na minha opinião. Mas fora isso, eu acho que nós temos bons jornais, talvez, os melhores do mundo. A imprensa brasileira é muito boa, muito bem feita. Se ela se aprofundasse um pouco mais na crítica...não digo editorial, editorial sim, é uma coisa em que se faz crítica mesmo, mas nas próprias matérias, espírito crítico, sem transformá-las em matérias de opinião, porque matéria não pode ter opinião, mas pode ter, sobre determinado ponto de vista, uma coisa que auxilie o leitor a descobrir mais coisas por trás. Neste ponto, acho que a imprensa é um pouco falha ainda.

Qual sua opinião sobre uma iniciativa como esta, de recuperar a memória dos jornalistas brasileiros?

Muito boa, eu acho isto espetacular, porque o Brasil não tem memória, é uma coisa complicada. Tem um livro do falecido Franklin de Oliveira, que se chama *Morte da Memória Nacional*. O Brasil realmente não tem memória, realmente não cuida de história, não cuida de suas coisas. Esse é um exemplo básico, história da imprensa brasileira praticamente não existe, sobretudo neste sentido em que vocês estão trabalhando, pegando depoimento de gente que trabalhou diretamente no dia a dia, que mexeu com as coisas. Existe em minha opinião, uma fraca história da imprensa brasileira, que é do Nelson Werneck Sodré, que é uma coisa muito teórica, que fala

assim, mas esta é uma coisa que vocês estão botando o dedo na ferida, estão indo diretamente com quem trabalhou na imprensa, estão construindo uma memória que não existe, realmente não existe. Quer dizer, vocês estão partindo da estaca zero para construir uma coisa que nós não temos no Brasil. Eu acho altamente louvável a iniciativa de vocês, só acho que vocês deveriam pegar gente melhor do que eu para falar.